

Ollagnier, Edmée (2014), *Femmes et défis pour la formation des adultes. Un regard critique non-conformiste*, Paris, L'Harmattan, 258 pp.

Teresa Pinto

CEMRI/ Universidade Aberta, Portugal

Esta obra assinada por Edmée Ollagnier é o fruto de muitos anos de investigação e de experiência em formação de pessoas adultas e traduz uma atitude não-conformista explícita no que respeita à igualdade de mulheres e homens, assumida pela autora no subtítulo. A autora aprofunda e desenvolve neste livro a problemática que já tinha enunciado numa publicação de 2009 intitulada *Femmes et formation: tout change... et tout reste à faire* (Cahiers de la Section des Sciences de l'Éducation, nº 123, Genève, Université de Genève). A obra organiza-se em sete capítulos, apresentando cada um deles uma seleção de referências bibliográficas que se afiguram muito úteis para quem quiser aprofundar cada um dos respetivos temas.

Nicole Mosconi, que prefacia a obra, sublinha a atitude crítica de Edmée Ollagnier quando esta se interroga se, no campo da educação de pessoas adultas, todas as pessoas e entidades que se declaram favoráveis à igualdade de mulheres e homens a querem verdadeiramente instaurar e se a forma como se organiza a formação de pessoas adultas persegue esse objetivo.

Confrontada, ao longo dos anos, por situações discriminatórias na formação de pessoas adultas, a autora decidiu denunciá-las nesta obra, beneficiando da liberdade de expressar livremente as suas posições sem constrangimentos académicos ou de carreira. Assumiu, assim, a utilização da primeira pessoa do singular, o «eu», usualmente evitada no campo da ciência, mas que permite tomar posição nas problemáticas em debate. Partilhando um capital de saberes e de experiências resultantes de leituras, investigações, situações de formação e de avaliação, encontros e trocas estimulantes em diversos meios e em diferentes países, a autora parte da convicção de que os conceitos, os instrumentos e as estratégias pedagógicas elaboradas para e com as mulheres são transferíveis para outras situações de formação.

Um outro objetivo desta obra prende-se com a dupla necessidade de, por um lado, despertar as e os especialistas nos estudos de género para as especifici-

dades da formação de pessoas adultas e, por outro lado, inculcar nas e nos profissionais da formação de pessoas adultas as lentes do género. O primeiro capítulo responde a esta segunda necessidade. Funcionando como um capítulo preliminar, percorre um conjunto de debates e de conhecimentos sobre as discriminações sobre as mulheres em contextos de formação de pessoas adultas, recobrando os domínios, quer das desigualdades e das injustiças, quer das formas de organização, de resistência e de (re)ação.

A autora dedica o segundo capítulo, à partilha da produção teórica, sobretudo francófona e anglófona, sobre o género na formação de pessoas adultas, sublinhando a importância da crítica e da pedagogia feministas para a compreensão da presença das marcas do género nos modos de produção do conhecimento e na percepção da presença de relações de poder e de formas de opressão que refletem uma dominação androcêntrica.

O teor dos três capítulos seguintes apoia-se em investigações realizadas pela autora e nas suas próprias experiências em diversas partes do mundo. O terceiro capítulo é dedicado à relevância da formação de base para a inserção profissional das mulheres. No início, a autora pronuncia-se sobre a questão de saber se é preferível formar nas questões de género ou transversalizar o género na formação. Considerando que, numa perspectiva feminista em educação de pessoas adultas, o objetivo central será de «generizar a formação»¹ (p.85), a autora considera que a formação centrada em conteúdos sobre o género é fundamental, não só pelos conhecimentos adquiridos, mas pelos efeitos que daí advêm na alteração da maneira de ser e de fazer das pessoas em formação. É de destacar a utilidade das referências e hiperligações para instituições que disponibilizam na internet maletas e ferramentas pedagógicas sobre género e formação (pp. 87-92). Seguidamente, a autora sustenta que a formação de base é essencial para a autonomia das mulheres, pois quebra o seu isolamento e permite-lhes aprender a aprender, sendo que a alfabetização é um requisito prévio à formação de base, «a base da formação de base» (p. 92). No entanto, a alfabetização facilita o acesso das mulheres aos recursos locais e capacita-as a gerir melhor as questões de educação das suas crianças e de saúde das suas famílias, bem como a melhor compreender os seus direitos conjugais e os seus direitos face a situações de violência doméstica.

O quarto capítulo aborda o papel da formação para o envolvimento no desenvolvimento local, o que implica sair da esfera privada para a esfera pública, assumir responsabilidades reconhecidas pela coletividade, o que pode ser facilitador da inserção socioprofissional. Apetrechar as mulheres de saberes e competências que as convertam em agentes do seu quotidiano e lhes permitam desempenhar um papel económico para si e para os outros constitui um dos desafios da formação de pessoas adultas. Neste sentido, a formação em tecnologias da infor-

¹ As citações foram traduzidas para português pela autora da recensão.

mação e comunicação (TIC) é fundamental e deverá adequar-se aos instrumentos mais usados no território em causa. A autora defende que, em determinadas situações, designadamente quando as mulheres estão pouco afeitas a relações com pessoas exteriores à sua família ou comunidade de vizinhança, por exemplo população de origem estrangeira, a formação não-mista, ou seja, desagregada por sexo, poderá ser uma mais-valia para a sua aprendizagem. O capítulo termina com um apontamento crítico: estando a formação das mulheres dependente das políticas públicas e estando estas dependentes, por sua vez, de orientações estratégicas de cariz político e económico, o discurso da domesticidade e o desinvestimento na formação das mulheres ressurgem em períodos de crise.

No capítulo seguinte, a autora introduz-nos no mundo do trabalho e das empresas, aquele que ela afirma conhecer melhor e aquele, também, sobre o qual existe produção escrita mais abundante sobre as desigualdades entre mulheres e homens. Fazendo um breve percurso pelas zonas de desigualdade, desde a viragem do século XIX para o XX até ao presente, a autora destaca a relação entre a formação e as condições e exigências no espaço e no tempo e aborda as lógicas de organização da formação em função dos setores de atividade, das profissões e dos empregos. O otimismo é o tom de encerramento deste capítulo, pois, apesar de denunciar os limites dos diplomas de formação inicial e contínua na justa afirmação das mulheres nas empresas, a autora considera que os exemplos apresentados ao longo do capítulo demonstram que as iniciativas de formação contribuem para a igualdade salarial entre mulheres e homens e para melhorar as condições de trabalho. Para que tal suceda torna-se necessário que as entidades empregadoras e as autoridades políticas assumam a relevância da igualdade.

O sexto capítulo inicia-se com uma abordagem crítica da contradição entre o que as leis e medidas propõem para as mulheres, designadamente os utensílios internacionais, e o que as mulheres devem desenvolver para alcançar o reconhecimento das suas competências. Num segundo momento, a autora, reafirmando que as mulheres, qualquer que seja o seu contexto de inserção, têm sempre de demonstrar que estão à altura das expectativas do sistema económico, sustenta que a naturalização das competências atribuídas às mulheres as leva a desenvolver estratégias de defesa para alcançar o seu lugar, sendo que a formação é uma forma de conferir visibilidade e reconhecimento a todas as aprendizagens adquiridas, ao longo do tempo, na experiência profissional ou na esfera privada. Todavia, o acesso à formação terciária permanece mais difícil para as mulheres e, para as mulheres adultas ainda mais, num meio onde, segundo a autora, os homens representam as mulheres como «adoravelmente inferiores, tendo necessidade de ser protegidas e supervisionadas» (p. 217). Distintamente das mulheres jovens, as adultas têm mais dificuldade em estabelecer redes de apoio e têm menos tempo para as alimentar. As entidades e agentes de formação podem desempenhar um papel crucial, mas a autora interroga-se sobre se as e os profissionais da formação estão cientes e têm suficiente preparação para aproximar mais as intenções políticas das necessidades das mulheres.

O último capítulo interpela, precisamente, as formadoras e os formadores como agentes centrais nas questões que envolvem as mulheres e a formação de públicos adultos. Convocando abordagens e instrumentos, provenientes de reflexões feministas, para ajudar as e os profissionais da formação a melhor integrar as questões relativas ao género na sua atividade, a autora lembra que, independentemente do público destinatário e da situação e conteúdo da formação, cada formadora ou formador tem de ultrapassar os seus próprios medos se quiser conduzir o seu público a «uma tomada de consciência e a alterações de atitudes em matéria de relações sociais de sexo» (p. 221). A autora sublinha a importância de «uma abordagem de género em formação» (p. 222) de modo a ter sempre presentes as realidades das mulheres e as suas necessidades, a fim de melhor «concretizar a igualdade de acesso ao saber, numa perspectiva de acesso às oportunidades da vida» (p. 223).

Fruto de reflexões e de experiências amadurecidas ao longo de anos como formadora e formadora de formadores e formadoras, na universidade e fora dela, este livro de Edmée Ollagnier oferece-nos uma leitura cativante e dela poderão beneficiar, quer profissionais de formação de pessoas adultas, quer especialistas nas questões de género, que são também, na sua maioria, profissionais de formação de pessoas adultas.

Ostrouch-Kaminska, Joanna; Vieira, Cristina C. (Eds.) (2015), *Private world(s). Gender and informal learning of adults*, Rotterdam, Sense Publishers, 194 pp.

Edmée Ollagnier

Emeritus Professor of Adult Education, University of Geneva, Switzerland

«Gender and adult learning» is a concern for the European Society for Research on the Education of Adults for more than 15 years. Researchers, engaged in this network, meet regularly to share their work and questions on this topic. Mostly composed by female researchers, the network allowed them to transmit these results to a wider public through several thematic collective publications. Joanna Ostrouch-Kaminska and Cristina C. Vieira edit the fourth production of the network. This book, result of selected papers from the session which has been held in Coimbra, Portugal, focuses on gender and informal learning, a topic which appeared as a very important issue for all the members of the network. Even if the topic of gender is still not very visible in adult education publications, we can find in literature more and more results concerning gender and formal education, with quantitative as well as qualitative researches. Universities, schools and vocational education are worlds that have been particularly